



## JORNALISMO, LITERATURA E MEIO AMBIENTE NA INTERFACE NARRATIVA DE MONTEZUMA CRUZ

Ana Carolina da Silva Monteiro <sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo trata de uma pesquisa social que investiga a manifestação de determinadas características do Jornalismo Literário em comunhão com o Jornalismo Ambiental, na produção da reportagem socioambiental, a partir da análise de conteúdo quali-quantitativa de 48 reportagens especiais socioambientais, do jornalista Montezuma Cruz, publicadas de fevereiro de 2011 a setembro de 2013, no Jornal diário *Correio do Estado*, veículo de maior circulação no estado de Mato Grosso do Sul. São discutidas questões relevantes que surgem da aproximação entre Jornalismo, Literatura e Meio Ambiente. Discute a possibilidade de criação de uma narrativa autoral construída a partir do *ethos* profissional pautado pela humanização, ética, estética e no engajamento do repórter à temática ambiental, representado pela proposição H3E, formulada a partir da práxis do repórter pesquisado.

**Palavras-chave** Jornalismo; Literatura; Meio Ambiente; Reportagem; Montezuma Cruz.

### 1. Para entender a Pesquisa

Este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado intitulada “Jornalismo, Literatura e Meio Ambiente na interface narrativa de Montezuma Cruz”, defendida em junho deste ano, no Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, cujo objetivo geral foi investigar a presença de determinadas características do Jornalismo Literário em comunhão com o Jornalismo Ambiental na interface narrativa do repórter Montezuma Cruz, a partir da análise de conteúdo quali-

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e jornalista formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro do Grupo de Pesquisa “Mídias Ambientais” e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares do Pantanal (NEPI/PANTANAL), ambos do CNPQ/UFMS e da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental.

quantitativa de 48 reportagens especiais socioambientais publicadas de fevereiro de 2011 a setembro de 2013, no Jornal *Correio do Estado*, em Campo Grande-MS.

Além disso, questões relevantes que surgem da aproximação entre Jornalismo, Literatura e Meio Ambiente foram discutidas. Uma delas foi a possibilidade de criação de uma narrativa autoral construída a partir do *ethos* profissional guiado pela humanização, ética, estética e pelo engajamento do repórter à temática ambiental, representado pela proposição H3E, contribuição da pesquisadora.

Partiu-se do princípio de que a crise socioambiental do planeta é também uma crise de valores e de percepção, visto que as instituições sociais e a maioria das pessoas na sociedade coadunam com os preceitos de uma visão de mundo obsoleta, que se revela inadequada para o manejo dos principais problemas da época atual – em especial, a crise ecológica global. Tais questões não podem ser entendidas isoladamente; são problemas sistêmicos, estão interligados e são interdependentes. Uma resolução só poderá ser implementada se a estrutura da própria teia da vida for modificada, o que envolverá transformações profundas nas instituições sociais, de valores, e pontos de vista e ideais da humanidade (CAPRA, 2004, 2006).

O debate sobre a abordagem da problemática socioambiental pelo Jornalismo amplia as possibilidades de compreensão dos conceitos que envolvem o Jornalismo Ambiental e o próprio fazer jornalístico, seus pressupostos éticos, o caráter público da informação, a cidadania e a necessidade de uma cobertura qualificada, com o emprego do conhecimento especializado para superar a visão fragmentária da realidade (BUENO, 2007). Em Costa (2006, p.138), é indispensável ao jornalista a postura unificada entre ética e olhar ecológico, na finalidade maior de “resgatar o sentido da vida e os valores como a integridade e a solidariedade”. Para Frome (2006 p. 24), é importante a busca pelo “conceito de fé e estética, de beleza e harmonia, juntamente com o elemento essencial da ética” em uma carreira jornalística e invariavelmente no trabalho do jornalista ambiental.

O Jornalismo Ambiental pode comprometer-se com a qualidade de vida no planeta e com o efetivo exercício da cidadania, pode engajar-se com a mudança de paradigmas e enxergar além das aparências, contemplar a informação além de ações isoladas, comumente de caráter mercadológico. Trata-se de um Jornalismo construído a par-

tir de um olhar “politicamente engajado, planetariamente comprometido” (BUENO, 2007, p.36), que em nenhuma hipótese pode se esquecer de seu compromisso “com o interesse do público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate”, nem pode ser “utilizado como porta voz de segmentos da sociedade para legitimar poderes e privilégios” (BUENO, 2007, p. 14).

Tratar a abordagem ambiental também na perspectiva humana – portanto social, econômica, política e cultural – tornou-se um desafio para toda uma geração de comunicadores, intelectuais, cientistas e ambientalistas que se encontram vinculados a tais discussões no presente, e certamente também no futuro próximo. Observa-se assim, na atualidade, diante de tão importante desafio, uma forte tendência à utilização, de forma ampla, do termo socioambiental, pois se tornou muito difícil e insuficiente falar de meio ambiente somente do ponto de vista da natureza quando se pensa na problemática interação sociedade-natureza do presente, sobretudo no que concerne a países em estágio de desenvolvimento complexo (MENDONÇA, 2001).

O que se pretende de antemão é “qualificar o trabalho do jornalista não apenas para denunciar o que está errado, mas também para sinalizar rumo e perspectiva para a sociedade, através das histórias que conta ou escreve” (TRIGUEIRO, 2005, p. 4). A responsabilidade social atribuída ao Jornalismo precisa propor caminhos para superar a crise ambiental.

O eixo principal da pesquisa está baseado na hipótese de produção da reportagem ambiental impressa, a partir de um *ethos* profissional pautado em humanização, ética, estética e engajamento - características que foram sondadas na práxis jornalística de Montezuma Cruz e estão representadas pela proposição H3E. Essa hipótese parte da afirmação de que ser jornalista, nos dias atuais, implica a partilha de um *ethos* coletivo, ou de um *modus operandi*, como preceitua Pierre Bourdieu, que tem sido afirmado há mais de 150 anos, regido por fundamentos éticos (deontológicos) ou princípios filosóficos (objetividade, imparcialidade e veracidade) e também por suas características peculiares (atualidade, universalidade, periodicidade, difusão).

A pesquisa se apropriou e trouxe para o contexto do Jornalismo o sentido de *ethos* oriundo dos estudos linguísticos, adotado por Patrick Charaudeau, teórico da Análise de Discurso, segundo o qual o *ethos* não concerne tão somente à imagem do indiví-

duo, mas pode estar atrelado a um grupo no qual se configura o *ethos* coletivo, resultante de julgamentos realizados uns pelos outros, que se baseiam em traços identitários. Segundo Fiordino (2012), essa afirmação do autor baseia-se na observação de que o *ethos* está relacionado às representações sociais, o que pode ligá-lo aos indivíduos e a grupos.

Pode-se dizer que o “*ethos* se constitui, portanto, na apresentação de si efetuada pelo locutor em seu discurso”. Mas quando se fala em apresentação de si, não se quer dizer apenas que o “locutor enumere suas qualidades, nem que fale explicitamente de si; mas sim que ele represente seu estilo, suas crenças, suas competências linguísticas e enciclopédicas na relação que estabelece com seu dizer” (FIORDINO, 2012, p. 8). Hernandes (2005) arremata ao afirmar que o “*ethos* do jornalismo” é resultante da soma de concepções do “*ethos* do jornalista”. Para o autor, o *ethos* de uma mídia aparece como consequência de uma intrincada relação com outros sujeitos que também têm um *ethos*.

Esta investigação nutre a crença de que a responsabilidade e a busca pela verdade dos fatos aliadas a algumas características fundamentais da ciência do Meio Ambiente e da Literatura, fornecem condições suficientes para que o sujeito-jornalista possa escrever sobre a conturbada relação homem-sociedade-natureza.

Dentre as propostas de avivamento da transversalidade discursiva entre o Jornalismo e a Literatura, está, segundo Vicchiatti (2005, p. 91) a “chamada **humanização dos textos**”, além de outros recursos, como técnicas de angulação, ponto de vista, da descrição cena a cena. O Jornalismo humanizado não se proporia apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da Literatura, que valoriza personagens. Mais do que isso, buscaria a essência das ações humanas – é a escolha de um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado. Um olhar que deve priorizar o combate às causas da dor e do sofrimento humano.

A ideia de trabalhar a reportagem nos moldes do Jornalismo Literário para tratar da temática ambiental, cujo eixo de ligação seria o **engajamento** do repórter, partiu do pressuposto defendido por Michael Frome (2008, p. 12), de que o Jornalismo Ambiental “exige mais do que aprender ‘como escrever’”; quem deseja enveredar-se para esta área tem que aprender também “o poder da emoção e das imagens”, a pensar “não apenas em quem, o quê, quando, onde e por que – mas no todo, com amplitude e perspectiva”. E

também no pensamento de Wilson Bueno (2007) sobre o papel do jornalista ambiental, que, em suas palavras “não se contenta em descrever cenários e situações, mas de buscar as causas que os expliquem; ele não é um profissional que contempla a distância o seu objeto, mas um cidadão que se contamina com ele, que investiga, que enxerga além da notícia e do release” (BUENO, 2007, p. 37).

Provocou esta investigadora, a possibilidade de o Jornalismo Ambiental se configurar num espaço profícuo para a manifestação do Jornalismo Literário, cujo trabalho narrativo possibilita o “diálogo entre o catedrático e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, o mateiro e o biólogo” (BUENO, 2007, p. 14). Entre “o povo da floresta e o cidadão de rua”, reconhece as comunidades tradicionais e não estigmatiza a sabedoria dos pajés.

Segundo Bueno (2007), as fontes do Jornalismo Ambiental devem ser todos e sua missão deveria ser sempre compatibilizar visões, experiências e conhecimentos que possam contribuir para a relação sadia e duradoura entre o homem, suas realizações e o meio ambiente, numa abordagem ecológica da vida na Terra.

Para complementar o pensamento de Bueno (2007) e tentar superar os problemas do tratamento fragmentado, catastrófico ou romanesco dispensado às reportagens socioambientais, buscou-se Edgar Morin (2010, p. 39-40) e sua epistemologia da complexidade. Nas palavras do sociólogo francês, a “relação do homem com a natureza não pode ser concebida de forma reducionista, nem de forma disjuntiva”. Afinal, a “Terra é a totalidade complexa físico-biológica-antropológica” e a “humanidade é uma entidade planetária e biosférica”. Trata-se de assumir uma visão profissional e pessoal, integrada, multidisciplinar, complementar, **ética**, que permite ao ser humano compreender sua condição e o ajuda a viver em harmonia com seu meio.

A reflexão ética aqui serve para que se discuta, particularmente, qual o atual sentido dos compromissos que tem o Jornalismo com a fidelidade aos acontecimentos reais, concretos. Bianchin (1997, p. 54-55) defende que se a fidelidade for rompida, “o discurso deixa de ser jornalístico na sua especificidade”, embora possa ainda manter seu trabalho estético de linguagem. “Ser solidário às dores do mundo ou causar dores ao mundo é um dilema ético”, ressalta Bertrand Russel (1977: 24, *apud* IJUIM, 2014, p.10).

Em Frome (2008, p. 24), o teólogo e filósofo alemão Albert Schweitzer ensinou que uma pessoa é ética quando a vida se torna sagrada, não apenas a vida dele ou dela, mas as vidas de todos os seres humanos, das plantas e dos animais, e quando ele ou ela se devota às outras coisas viventes, tal compromisso estaria implícito no Jornalismo em todas as suas especialidades, particularmente, no Jornalismo Ambiental.

Tudo isso contribuiria “para a formação de uma consciência humanística e ética de pertencer à espécie humana, que só pode ser completa com a consciência do caráter matricial da Terra para a vida, e da vida para a humanidade” (MORIN, 2010, p. 39). E igualmente serviria ao abandono do sonho alucinado da humanidade de “dominação da natureza”. A humanidade está “a um só tempo, dentro e fora da natureza. Somos seres, simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais” (MORIN 2010, p. 38), ou seja, essencialmente plurais e conectados uns aos outros e ao universo.

Ao tratamento da temática e exercendo forte influência sobre o processo criativo do profissional jornalista, somar-se-iam os conceitos de visão holística e de educação ecológica, desenvolvidos pelo físico Fritjof Capra (2004, p. 21), segundo o qual é necessária uma “compreensão da realidade em termos de um todo integrado, cujas propriedades [biológicas, psicológicas, sociais e ambientais] não podem ser reduzidas às de unidades menores”. Com Capra, sugere-se promover na formação dos futuros jornalistas, uma ecoalfabetização de seus profissionais, para que as reportagens produzidas cumpram, dentre os vários, com o papel didático, conscientizador e mobilizador que se espera da pauta ambiental.

Ao se estimular a adoção de uma visão holística na produção da narrativa jornalística impressa, de forma a revelar a realidade integrada e contextualizada dos acontecimentos, atribuindo-lhe sua inerente complexidade, superando a visão reducionista e fragmentada tão presente na imprensa ocidental dos dias atuais, almeja-se também estimular o avanço do Jornalismo “em seu contínuo processo de reciclagem” (LIMA, 2004, p. 318). Para Lima (2004), os instrumentos de abordagem do real em profundidade no Jornalismo hegemônico brasileiro estão antiquados e são insuficientes se forem levados em consideração os métodos de captação da realidade existentes em outras áreas do conhecimento e a ótica estéril com que nasce a pauta da imprensa nacional.

Por fim, o Jornalismo necessitaria atender às exigências da sociedade atual, globalizada. A sociedade precisaria do jornalista, técnico no que concerne à forma de executar uma reportagem ou uma matéria, mas, principalmente, exigiria que o jornalista conseguisse integrar, dialeticamente, a humanização, o estético, o ético, o engajamento em sua atuação profissional.

Frente às modernidades tecnológicas, os limites que separam o Jornalismo da Literatura parecem estar em processo de transposição em busca de uma narrativa esteticamente mais competente. Tal transposição surge do fato de que alguns jornalistas, como se propõe Montezuma Cruz, ao não se contentarem em seguir os esquematismos de fórmulas rígidas de construção da narrativa jornalística, procuram lançar um olhar inquieto às determinações de regras fechadas e a buscar enunciações atrativas com competência técnico-artística.

O profissional cuja formação o teria capacitado para manejar a linguagem preencheria um perfil que aliaria responsabilidade ética à habilidade linguística e criatividade para transmitir mensagens que satisfariam o público. Segundo Rocha (2013, p. 34), ao interligar o conceito de Jornalismo (pensando-o como agenciador de uma comunidade, de um sentir em comum) a uma **estética** comunicacional, onde aquilo que caracteriza a natureza do Jornalismo proporciona um sentimento de comunidade, poder-se-ia afirmar, ademais, que se a comunicação é também um ato estético, o Jornalismo apresenta-se como um bom exemplo para pensar por meio desta perspectiva, pois a ênfase incide muito mais naquele profissional que transmite as notícias – o sujeito comunicador – do que na prevalência da técnica, nos “modos” de se fazer Jornalismo.

A Literatura pode ser vista como a base da formação cultural do jornalista e da qualificação do texto por ele elaborado. “Tão intensa é essa importância que ultrapassa o simples prazer da leitura ou a obrigatoriedade de maior qualificação técnica do bem escrever” (VICCHIATTI, 2005, p. 84). O jornalista, aos poucos, atraído pelo fascinante domínio da narrativa literária, tentaria sublimar os limites dessa linguagem e dela importaria elementos que pudessem auxiliá-lo na conquista de seu principal objetivo: o leitor, ouvinte, telespectador, internauta.

Em *A arte de tecer o presente*, Cremilda Medina (2003, p. 135) escreve que “a construção de uma narrativa ética, técnica e esteticamente singular” só é possível em

razão de 90% de transpiração e 10% de “incontrolável intuição”. Contudo, continua a autora, para que se “abram os poros e se devolva à expressão a inspiração, é preciso superar os facilitismos: das certezas ideológicas, das idéias prontas, da insensibilidade ou desrespeito perante a cifração do mundo e seus protagonistas”. Eis a justificativa dessa investigação.

## **2. Jornalismo, Literatura e Meio Ambiente em Montezuma Cruz**

A decisão de pesquisar a interface narrativa do repórter Montezuma Cruz nasceu de uma pesquisa em busca de um profissional da imprensa escrita, “paradigma do jornalista” (TRAVANCAS, 2011, p. 23). Trata-se do repórter, daquele “que está na linha de frente da notícia, que elabora a produção de sentidos, por seus valores e suas práticas, que lida diretamente com a sociedade” (ADGHIRNI, 2013, p. 4).

Jornalista autodidata, sexagenário, ainda na ativa, Montezuma Cruz (1953) já exerceu praticamente todas as funções dentro de um jornal: repórter, colunista, editor, pauteiro, chefe de redação, editor de internacional, editor de economia, diretor de publicação. O repórter é remanescente de uma época em que os jornais não exigiam contrato de exclusividade, prática muito comum na imprensa do interior do País, e uma realidade comprovada pela pesquisa de Mick e Lima (2013) sobre o perfil do jornalista brasileiro. Como uma minoria de jornalistas que ainda atua em jornais, e com mais de 60 anos, o repórter Montezuma Cruz pertence à categoria profissional dos *sem diploma*, mas com registro profissional expedido pelo Ministério do Trabalho.

A trajetória profissional e de vida do paulista Montezuma Cruz são permeadas por características, que segundo Assis (2013, p. 311), fizeram parte da formação da identidade interiorana da imprensa brasileira, como o ingresso na carreira sem formação na área; o fato de “aprender fazendo”, ou o saber empírico; a utilização de criatividade e espírito inventivo como ferramentas para superar os desafios internos (do próprio profissional) e externos (de uma imprensa nem sempre provida de grandes recursos); o estabelecimento de vínculos fortes com instâncias detentoras de poder, como os movimentos populares, os sindicatos e a Igreja; o jeito mais próximo de produzir informação, o tratamento personalizado e adjetivado às fontes; o reconhecimento público nas cida-

des em que atuava; a vivência mais branda dos chamados tempos difíceis no Brasil, como a ditadura militar (1964-1985), que no interior, nem sequer fechou ou censurou jornais; o envolvimento com partidos políticos, a ponto do jornalista se lançar candidato a cargos eletivos; por fim, a atuação jornalística marcada pelo auxílio mútuo e a cooperação entre colegas de profissão, como forma de preservar o diálogo e o respeito pelo que faziam. Para Assis (2013, p. 314), a construção da imprensa, no contexto do interior, “é necessariamente influenciada por decisões, opções e ações pessoais”. Historicamente, a atuação de seus profissionais é motivada “por uma declarada paixão pelo jornalismo” e as grandes tomadas de decisão “nem sempre espelhavam ações estrategicamente delineadas”.

A carreira jornalística de Montezuma Cruz foi construída por experiências adquiridas numa espécie de peregrinação por milhares de quilômetros pelo interior das cinco regiões do Brasil, de Norte a Sul, atuando nos maiores veículos impressos do país, como *Folha de São Paulo*, *Estadão*, *Jornal de Brasília*, *Jornal do Brasil*, e muitos outros, “quase sempre onde o asfalto é raridade, em territórios pelos quais o ser humano escasseia, o tempo é mais lento e as distâncias, imensas”, como escreveu o amigo e jornalista Carlos Gilberto Alves (2013).

Montezuma Cruz apresentou-se como um jornalista autor e também observador e, até mesmo, um participante da ação. Além do visto, o não visto – pensamentos, sentimentos, emoções – é descrito a partir de um trabalho de campo efetivo, de uma apuração vigorosa, de uma entrevista pautada pela atenção e pela acuidade.

Pela forma como se posiciona perante seus textos, Montezuma Cruz considera que os sentidos do repórter devem se encontrar permanentemente alertas na leitura dos acontecimentos, possibilitando um trabalho estético comunicacional. Atento a tudo que envolva o fato jornalístico. Ao construir sua narrativa, o repórter não sofre com as amarras do *lead* e da impessoalidade. Pois considera que nenhuma comunicação é eficaz sem emoções. Do teatro, à pintura, passando pelo Jornalismo, nada se faz sem emoções. Embora nem sempre se passe pela palavra.

As reportagens que definem o corpus da investigação, cedidas pelo repórter, de seu arquivo pessoal, especialmente para a pesquisadora, formam uma espécie de “cenário-síntese”, no qual foi possível verificar e identificar aspectos pulsantes do texto de

Montezuma Cruz, como, por exemplo: a incorporação de uma escrita comprometida com códigos muito singulares, específicos. A manifestação mais bem delineada seria a temática ambiental, a preocupação em ser pedagógico, em capturar a “cor local”, o respeito isonômico às fontes. Os assuntos narrados em suas reportagens foram separados em três grandes Categorias: Biodiversidade; Mudanças Globais; e Relações socioambientais, conforme propõe Ângelo (2008).

Em seus relatos, o repórter Montezuma Cruz deixa transparecer que foram suas experiências profissionais entre os 20-21 anos que definitivamente contribuíram para que abraçasse “a causa ambiental” (CRUZ, 2014a), à época, era correspondente da *Folha de S. Paulo*. Segundo o repórter, a realidade violada ambientalmente gritava diante de seus olhos, a ele, enquanto, repórter, cabia escrever sobre ela, a fim de que se transformasse.

Em análise à sua carreira, o repórter expõe sua crença de que a educação ambiental deveria servir “para promover a integração, com qualidade de vida, entre o ser humano e o meio ambiente” (CRUZ, 2014a). E que seu papel como repórter é o de “ser didático e pedagógico” em suas reportagens. A ideia, segundo ele, é a de promover uma educação ambiental na população. “Valorizo sobremaneira o aspecto histórico, porque entendo que ser didático me faz interagir com o leitor” (CRUZ, 2013a).

Montezuma parece personalizar características que vão além da escolha temática para o texto jornalístico, pela sua postura de ser consciente, o jornalista sugere a opção pelo envolvimento com o Jornalismo Ambiental, segundo Michael Frome (2008, p. 60), mais do que como uma forma de fazer reportagens e escrever, como “uma forma de viver, de olhar para o mundo e para si próprio”.

O jornalista demonstra a preocupação em extrapolar alguns limites pelo bem da análise mais precisa, interligada, contextualizada e da compreensão dos temas socioambientais em suas reportagens. “Vejo a alma das pessoas com as quais converso, me relaciono, e nem sempre o espaço é generoso para mostrá-las em sua essência” (CRUZ, 2013a).

Escrever reportagens sob as diretrizes do Jornalismo Ambiental, como se propõe Montezuma Cruz, e segundo Frome (2008), significa muito mais do que ordenar fatos na forma da tradicional “pirâmide invertida”. Jornalismo Ambiental é mais profundo,

com começo, meio e fim integralmente interligados. É útil compreender e utilizar o poder da emoção e das imagens no Jornalismo Ambiental, de forma que cada palavra, frase e parágrafo contribuam para a escrita que é intencional, que desafia, motiva, esclarece e joga uma luz sobre a vida.

Montezuma Cruz sustenta que seu interesse pelo local e pelas pessoas do local é que o movem a investigar os fatos e os acontecimentos. “Minha vontade de conhecer diferentes regiões e situações me moveu. A pobreza da cidade onde vivi, Teodoro Sampaio (SP), me indignou, causou estranheza” (CRUZ, 2013a). “Sou um repórter do interior e sempre busquei a notícia com altivez, misturada com curiosidade, emoção, certificação e um pouco de morbidez” (CRUZ, 2013a).

Pelos relatos que faz, sua visão jornalística passa sempre por uma análise social da situação, que em seu imaginário, ajudam-no a compreender o comportamento do povo, o seu modo de vida, o abandono em vários sentidos, “porque as pessoas são o mais importante” (CRUZ, 2013a).

### **3. Considerações Finais**

Ao analisar a experiência profissional do repórter Montezuma Cruz, pode-se inferir que fazer Jornalismo, no entanto, não envolve simplesmente “ser-se um repórter competente”. O jornalista se apresenta não como um modelo, mas como um profissional inspirador, que se revela um “cidadão do mundo”, preocupado com as mazelas de sua gente. Alguém que se pode dizer que vale a pena conhecer.

A prática jornalística do repórter encontra amparo no que Vicchiatti (2005) defende, segundo o qual, o jornalista preocupado com a estética e as temáticas sociais compreenderá que é integrante de uma sociedade, de uma comunidade. Do contrário, poderá sentir-se acima do bem e do mal isento de qualquer emoção e de qualquer participação no cotidiano de sua comunidade.

Vicchiatti (2005) ainda explica que a sociedade atualmente necessita do jornalista pluralista, aquele que tenha condições de enxergar algo mais, além daquilo que a realidade apresenta em seu cotidiano. Depreende-se do autor, que o jornalista do futuro

deve estar engajado em seu importante papel social já que é um formador de opinião e consciente da complexidade que envolve o cenário socioambiental do país e do mundo.

O Jornalismo é uma atividade que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade, pode-se dizer que ele busca captar o movimento da própria vida. Seria da natureza do Jornalismo tomar a existência como algo observável, comprovável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade. Com isso pode prestar, ou desejaria prestar uma espécie de testemunho do real, fixando-o e ao mesmo tempo buscando compreendê-lo.

Contudo, existiria um espaço para os jornalistas que procuram assumir um trabalho crítico mais apurado, que convertam o ato de resenhar também em um exercício de reflexão e lucidez? Em busca desta resposta que se encontrou Montezuma Cruz.

Os textos do jornalista trabalham com a ideia de compromisso – com faixas sociais (engajamento) e com o texto – atrelada a uma concepção literária. Nesse sentido, o compromisso se fundamenta em uma finalidade íntima entre escritor e escrita e o texto desempenha uma espécie de atributo social. Montezuma Cruz se apresenta como o retrato do repórter testemunha de seu tempo, que, consegue narrar, numa linguagem de modo “particular estético” (GENRO FILHO, 2012, p.210), a história dos fatos que presencia, e de tempos passados. Consegue expor em suas reportagens de temática socioambiental as feridas da sociedade, em qualquer região do país.

Um repórter que consegue reproduzir a notícia associada à singularidade dos fatos, contudo, comprometida com a universalidade dos acontecimentos, como bem explica Genro Filho (2012). Um repórter que escolheu recorrer “às formas literárias para obter reforço da reportagem, para dizer algo que não estava sendo dito pelas formas usuais do jornalismo” (GENRO FILHO, 2012, p.210). Uma postura que desperta uma percepção da realidade que sintetiza – de maneira equilibrada – aspectos lógicos e emocionais (GENRO FILHO, 2012).

O repórter não conhece outra forma de produzir suas reportagens se não pelo engajamento aos temas sobre os quais escreve. Engajamento esse reforçado pela ideia de compromisso social, como preconiza Paulo Freire e pela noção de “intelectual orgânico”, delineada por Gramsci. Os intelectuais orgânicos seriam aqueles que fazem parte

de um organismo vivo e em expansão. Por isso, estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais.

O repórter seguiu tendências, como algumas padronizações nacionais e mundiais, mas pelas circunstâncias em que se colocou a serviço da comunicação midiática fez prevalecer características decorrentes de suas próprias ações. Com a capacidade de representação simbólica aprimorada, por causa do convívio com os estímulos despertados pela Literatura, o sujeito-jornalista Montezuma Cruz permitiu-se transpor os limites narrativos, sem, no entanto, perder de vista a função básica do Jornalismo, qual seja, informar com a maior precisão possível. E, além disso, percebe-se que coloca as pessoas como eixo de sua narrativa, humanizando-a, porque, segundo ele, são as pessoas que o permitem, enquanto autor, abordar narrativamente qualquer tema da aventura do homem na Terra. “Onde há pessoas humanas pode haver uma história maravilhosa a ser contada, mesmo que os primeiros indícios sejam desestimulantes. O olhar e a apuração do repórter é que farão a diferença” (CRUZ, 2013a).

Montezuma Cruz parece mensurar suas reportagens conforme o cenário que elas se apresentam, “com pessoas, situações geográficas e dados elementares, sejam oficiais ou particulares” (CRUZ, 2013a). Adotou o “escrever solto, sem as amarras do disse e do ontem”, e opta por misturar “em diversas ocasiões, o *lead* americano com a descrição do fato, inspirado pela Literatura” (CRUZ, 2013a).

Na narrativa do jornalista, o literário está no seu discurso, na reprodução dos diálogos, na estruturação peculiar do texto, na narrativa sem “peias”, no elogio à subjetividade. E o jornalístico está na presença testemunhal do repórter, na apuração acurada, no compromisso em reconstruir uma realidade, ainda que em determinado nível, já que essa reconstrução completa é impossível.

Em se tratando de jornais, valoriza todos nos quais trabalhou e segue trabalhando: “o aprendizado se dá dia após dia”. Em cada um aprendeu um pouco e diz seguir “aprendendo”. Sua formação básica, porém, inclui *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e a *Folha de Londrina*. “Sem um pouco de cada um, não seria o repórter velho que ainda teima ir às ruas, mesmo diante do telefone, do smartphone, da internet e do banco de dados nas nuvens. Nada melhor do que olho no olho” (CRUZ, 2013a).

Chegou a Campo Grande (MS) em 15 de fevereiro de 2011 e partiu no fim do mês de setembro de 2013, morou primeiramente em Brasília (DF) e posteriormente voltou a Porto Velho (RO). Com a reeleição de Confúcio Moura, governador de Rondônia, em 2014, Montezuma Cruz foi convidado a permanecer no Departamento de Comunicação Social do estado, como Editor e até a conclusão desta pesquisa estava na função.

## Referências

ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalista sênior nas empresas de mídia**. Artigo apresentado no 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, da SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, em Brasília – Universidade de Brasília – Novembro de 2013.

ÂNGELO, Fabrício Fonseca. **O jornalismo ambiental como ferramenta para a sustentabilidade**. Niterói, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Universidade Federal Fluminense, 2008. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliana/media/fabricio%20fonseca.pdf>. Acessado em: 10/11/2014.

ASSIS, Francisco (org.). **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Ed.Argos, 2013.

BIANCHIN, Neila. **Romance-reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário – análise do discurso**. Série Jornalismo a Rigor. Vol. 7. Florianópolis: Ed. Insular. 2013.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Morojoara Editorial, 2007.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação: a Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente**. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Trad. Newton Roberval Eichmberg. 10 ed., São Paulo: Cultrix, 2006.

COSTA, Luciana Miranda. **Comunicação & Meio Ambiente: a análise das campanhas de prevenção a incêndios florestais na Amazônia**. Belém/PA, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA, 2006.

CRUZ, Montezuma. Entrevistas concedidas em 22 e 31 de julho de 2013 (2013a) a Ana Carolina da Silva Monteiro. Campo Grande-MS.

CRUZ, Montezuma. Entrevistas concedidas pelo e-mail amazoniaopinio@gmail.com em 17, 20, 21 de maio de 2014 (2014a) a Ana Carolina da Silva Monteiro (e-mail anacarolina-jor@hotmail.com). Corumbá-MS.

DIAS, Robson. **O ethos de cada um:** limites e associações entre a ética profissional de jornalistas e corporativa de empresas de comunicação. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 14, n. 15, jul./dez. de 2012.

FIORDINO, Priscila Peixinho. **Ethos:** um percurso da Retórica à Análise do Discurso. In: *Revista Pandora Brasil*, ISSN 2175-3318, nº 47 - Outubro de 2012.

FROME, Michael. **Green Ink:** uma introdução ao Jornalismo Ambiental. Curitiba: Editora UFPR, 2008. Trad. Paulo Roberto Maciel.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Série *Jornalismo a Rigor*. V. 6. Florianópolis. Ed Insular. 2012.

HERNANDES, Nilton. **Jornais e ethos:** como a marca vira um “ser” que discursa. *Estudos Lingüísticos*, v. 34, p. 780-785, 2005.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no Jornalismo:** algumas saídas. Santa Catarina. UFSC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC). Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ijuim-jorge-2014-humanizacao-desumanizacao-jornalismo.pdf>. Acessado em 16 de novembro de 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura – 4ª Ed., Barueri, SP: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente:** narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MENDONÇA, Francisco. Geografia socioambiental. **Revista Terra Livre**. nº 13, p. 139-158, 1º Semestre/2001. Disponível em [http://www.agb.org.br/files/TL\\_N16.pdf](http://www.agb.org.br/files/TL_N16.pdf) Acessado em 03/03/2015.

MICK, Jaques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2013.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 17ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ROCHA, Paula Roberta Santana. **Estética e sensações no jornalismo:** um estudo das estratégias e jogos discursivos. Goiânia/GO, 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) [https://mestrado.fic.ufg.br/up/76/o/Est%C3%A9tica\\_e\\_sensa%C3%A7%C3%B5es\\_no\\_jornalismo\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://mestrado.fic.ufg.br/up/76/o/Est%C3%A9tica_e_sensa%C3%A7%C3%B5es_no_jornalismo_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf). (ção). Universidade Federal de Goiás (UFG), 2013. Disponível no endereço Acessada em 23/12/2014.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 4. Ed. Revista. São Paulo: Ed. Summus, 2011.

TRIGUEIRO, André. **Mundo Sustentável**: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. São Paulo: Globo, 2005.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo**: comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.